

RAPPERS NEGRAS: REPRESENTATIVIDADE, DIVERSIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE



IV SICCAL

[GT 5 - CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA]

Pablo Vinícius Barreto de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Viviane Fialho de Araújo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O presente trabalho busca analisar a representatividade de mulheres negras e as questões de gênero e sexualidade envolvidas com a indústria do Hip Hop, especificamente na cena musical com o rap. Discutir a importância dessas rappers e os dilemas contemporâneos da mulher negra e sua trajetória, tanto no cenário musical abordado, quanto no social, e, ainda sua difícil luta por seus direitos na sociedade, em prol de superação das desigualdades raciais e de gênero; uma vez que a história sobre raça, classe, etnia, entre outros, são graduações que intervêm nas noções de gênero, logo, essas estruturas sociais estão ligadas definitivamente as políticas de poder e do contexto cultural.

Palavras-chave: Rappers. Mulheres negras. Cultura popular. Gênero. Ancestralidade.

This paper aims to analyze the representativeness of black women and the issues of gender and sexuality involved in the Hip-Hop industry, with a cut in the music scene with rap. Deliberate the importance of the rapper women of and the contemporary dilemmas of the black woman and her trajectory, both in the addressed musical scenario, as well as in the social one, and, even her difficult fight for her rights in society, in favor of overcoming the racial and gender inequalities; since the historical context on race, class, ethnicity, among others, are categories that act on the notion of gender, and, therefore, that definition is not separated from the politics of power and the cultural context.

Keywords: Rappers. Black woman. Popular culture. Gender. Ancestry.

La presente investigación busca analizar la representatividad de mujeres negras y las cuestiones de género y sexualidad envueltas en la industria del Hip-Hop, con un recorte en la escena musical con el rap. Deliberar la importancia de las raperas y los dilemas contemporâneos de la mujer negra y su trayectoria, tanto en el escenario musical abordado, como en el social y más aún su difícil lucha por sus derechos en la sociedad, en pro de superación de las desigualdades raciales y de género; ya que el contexto histórico sobre raza, clase, étnia, entre otros, son categorías que actúan en la noción de género y por eso, esa definición no está separada de las políticas de poder y del contexto cultural.

Palabras clave: Raperas. Mujeres negras. Cultura popular. Gênero. Ancestralidade.

Introdução

Compreender lugar de fala é saber situar-se em sua posição de privilégio ou destaque ao falar de algum assunto e, entender que não ocupamos o lugar da representatividade, nós falamos *sobre*, a partir da perspectiva individual e não *por*, *para* ou *com*. Abordar, entretanto as falas do feminismo negro, evidencio as realidades das mulheres negras que historicamente são submetidas aos padrões normativos de uma sociedade hegemônica. Essas narrativas possuem o ato de reconstruir as humanidades que por muito tempo foram reprimidas por uma hegemonização do poder e do saber detida como produtos de classificações raciais, explicitando que, ainda hoje, esse modelo é perpetuado e valorizado universalmente, o do homem hétero, branco, eurocristão e patriarcal. “A discussão sobre a universalização da categoria mulher apresentadas nesse livro é importante para destacar que a discussão a respeito das várias possibilidades de ser mulher, tendo em conta “intersecções da raça, orientação sexual, identidade de gênero” (p. 21). Entender que o apagamento das minorias e ocupar o protagonismo de suas histórias é uma maneira de roubar todas suas epistemologias e de silenciá-los. Logo, compreendo que as pautas das feministas negras já são abordadas desde o seu princípio de organização política, porém, seu destaque só terá alguma ênfase em Judith Butler, uma das principais autoras pós-moderna.

Então, depreendo que lugar de fala e posição de fala, por sua vez, são manifestações das visões de mundo posicionadas de maneira desigual, ou seja, “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses

grupos acessem lugares de cidadania” (61). É uma relação de grupos de poder que possuem marcadores sociais que são capazes de definir e excluir através da raça, etnia, sexualidade, gênero tendo como fatores primordiais, os valores e as construções sociais deixadas pelo colonizador. Portanto, entender que a cultura perpetuada no novo conceito de globalização resultam na hierarquização de poder do colonizador e a subalternização e as desigualdades entre os colonizados.

Logo, o presente trabalho trata de discutir o Rap e o movimento hip-hop e a participação de mulheres negras que tomam para si espaços que antes eram dominados majoritariamente por homens, levando em conta que este movimento faz parte das manifestações culturais brasileiras e está identificada com a população negra, uma pequena parte da grande contribuição dos negros para a cultura e a identidade nacional. Dentro deste cenário multicultural, o movimento Hip Hop e o Rap vem ganhando mais destaque no Brasil e, levando consigo, muitos jovens, especialmente os que vivem nas periferias ou próximo à elas.

O movimento Hip Hop surge nas periferias de Nova Iorque e migra para o Brasil já no final dos anos 80, pela invasão da black music no cenário fonográfico. É um movimento enfoca na denúncia da exclusão social e pela discussão de questões relativas à história e à identidade dos negros. Contudo, faço um recorte mais específico neste artigo, e venho tratar sobre um lado que é bastante invisibilizado na mídia e na sociedade brasileira, as rappers negras.

As rappers fazem parte de um movimento cultural maior, o hip hop, que abarca outras manifestações artísticas como a dança

de b-boys e b-girls, o grafite, o rap e mc's. Neste artigo, analisamos a representatividade que as mcs tem para com seu território e os desafios que enfrentam para trilharem seu caminho no rap e expressarem suas mensagens. Lutando contra o racismo e machismo, a participação em um grande movimento como o hip hop pode ser uma maneira de sobrevivência e de melhores condições de vida para essas mulheres.

[...] o rap sofreu influência do rap estadunidense, este não deixou de ser experimentado em conexão com a particularidade do contexto social, cultural e artístico em que respiravam os jovens das periferias brasileiras. É importante notar que a difusão do rap para além das fronteiras dos Estados Unidos também se refere à propagação entre subalternos de algo que cativa, diz respeito e faz sentido. Uma rede comunicacional de periferia para periferia forjada sobre a experiência comum que normalmente conjuga exploração de classe e opressão étnico-racial. (LOUREIRO, p. 3)

É importante ressaltar que apesar de existir uma tendência de apropriação de alguns símbolos de uma cultura negra americana, como as roupas, acessórios ou objetos, parecendo que o movimento é único e unificado desde sua raiz, existem inúmeras diferenças entre o rap e o hip hop brasileiro com o norte-americano fazendo que o Brasil possua um estilo único e diferenciado. Os próprios militantes brasileiros consideram o Hip Hop nacional como um movimento muito mais crítico e politizado que o estadunidense.

As análises sobre as questões de gênero, raça, sexualidade e identidade

correlacionando com o recente destaque de mulheres em movimentos urbanos que antes eram próprios à participação masculina. Foram levantadas questões que dizem respeito ao feminismo, com ênfase no recorte racial, a partir da filósofa Ângela Davis e tendo um certo foco à subversão de identidade e à desigualdade entre os gêneros. Objetivamos, portanto, analisar as representações sociais que são dadas às mulheres, tanto em um fenômeno musical, quanto em outro, buscando as significações que daí são construídas sobre ser mulher.

Deste modo, além de salientar as representações sociais da mulher presentes nas letras de rap explícito como o movimento hip hop constrói identidades de gênero. Entendo o conceito de gênero como, ainda que existam questionamentos sobre a utilização da sua categoria, a diferenciação sexual determinando os papéis e lugares sociais.

O desenvolvimento da pesquisa

No início da minha pesquisa sobre o rap, observando shows e eventos promovidos por jovens, percebi que os mesmos careciam da participação de mais mulheres no movimento. Naquele momento de diversão, as mulheres presentes quase sempre eram acompanhantes de algum dos homens. Existe certa (in)visibilidade e a participação e as representações sociais acerca da mulher presentes no rap e no hip hop.

O Beat-Boxer Gabriel Leal, negro, periférico da baixada fluminense do Rio de

Janeiro e graduando em bacharelado em produção cultural no IFRJ diz que: “De acordo com minha vivência desde o início em rodas Culturais até os dias de hoje, analisei a pouca, quase inexistente participação direta das mulheres no meio do rap, tentei procurar **UM** culpado nessa história, porém vagamente percebi a força afastadora que essas rodas tinham devido à falta de regras, na época. Os mcs podiam ser racistas, homofóbicos e machistas que as pessoas ainda gritavam pra esses ganharem, nisso eu me questionava, os culpados são os organizadores que não impõe regras ou o público que curtiam e davam “moral” ao mc? Não entrei numa resposta conclusiva, continuei me questionando até que os tempos foram passando e houve uma pequena mudança que foi e é muito importante, algumas batalhas estão com regras, caso fujam dele o organizador dá cartão amarelo, se ganhar dois é desclassificado, automaticamente o público tá mudado também, caso o Mc haja de preconceito todos vaim. Tem rodas que na primeira quebra de regra, perde a vaga. (esse modo eu meu favorito, pois os organizadores deixam muito bem explícito no começo do evento, o que pode ou não falar e fazer) Isso será o grande responsável para que TODXS venham ter ânimo para se integrarem diretamente nesse âmbito.”

Logo, por meio deste trabalho, demonstro minha total insatisfação e repulsa com a falta de protagonismo que elas possuem no movimento, além de problematizar a sua participação. Então, uso uma das músicas de uma rapper negra, da baixada fluminense, Yas Werneck para elucidar um pouco a história do cotidiano de muitas mulheres que trabalham arduamente para sobreviver em um mundo que não lhes dá nenhuma perspectiva de crescimento, compartilhando suas vivências com muitas outras mulheres e assim, ocupando um espaço que ainda as negam.

PACIÊNCIA - YAS WERNECK

Yes Yes Yas... Is the best, guys! Yeah!
Agita a fita e mita
É brita nessas track
Os black bloc irrita
Estoque de paciência é com a Werneck!
Paciência é atitude de quem sabe esperar
Virtude que se baseia em suportar
Dores, infortúnios, com resignação
Resultado infeliz de insucesso, decepção
Tolerância com o sofrimento e a injustiça
Que tem o prejuízo alheio como premissa
Paciência corre aqui pra eu não perder o
[meu domínio próprio
Acharam que eu ia engolir o que era óbvio
Seja inspiração profunda que me põe no eixo
No papel é onde eu deixo os problemas que
[me queixo
Paciência é respirável e que não falta o ar
Está ao meu redor, preciso dela pra viver
[e pra cantar
(Não vai aguentar se for moleque demais)
Mas veja bem: a paciência não traz calma
O que acalma é o que refrigera a alma, tá
[ligado?
E a certeza que a justiça será feita aqui
Não pelas mãos cansadas de segurar
[abacaxi e engolir sapo
De sapo em sapo é que eu tenho papo para
[estar aqui
Versando conversando com vocês sem
[refrões
Não passam de três minutos as minhas
[opiniões
Não vejo necessidade de me alongar
Dois e quatro sete é o bastante, pode até sobrar
Não vou cansá-los com minha presença
Cheguei, falei, expliquei, os atributos da
[minha amiga paciência
Eu confesso, quero muito tua amizade
Mantenho as áreas da vida em malabares
E pra nada cair, só com muita cadência

*Deus, dai-me paciência
Ter paciência requer paciência
Pois quanto mais ela é pedida mais ela é
[testada na sua existência
Mais ela será exigida
Na mesma proporção em que está sendo
[pedida
E sendo assim ela não passa de um troféu
[pra quem a tem
Só ganha paciência quem a exerce bem
Eu mesma ganhei só pra entender essa
[equação
É difícil, mas vale a pena no final das coisas
É sempre bem melhor que seu início
E eu tô correndo atrás disso, do fim
E a minha oração é sempre assim
Deus, além de paciência me dê inteligência
Saber conduzir a minha vida com decência
Com a máxima obediência que mereces
Através dessa prece, eu termino o meu rap
E que assim seja, amém
Que assim seja, amém*

Utilizo das letras de rap como fonte de dados para análise, uma vez que a música rap é a expressão artística de maior visibilidade, maior número de produtores e ouvintes, fazendo circular com maior alcance os significados e sentidos presentes no movimento, incluindo aí os significados atribuídos à mulher.

O movimento Hip-Hop como cultura popular afro-brasileira

Cultura popular pode ser definida como qualquer manifestação em que o povo produz e participa de forma ativa, como identidade nacional é uma construção que

junta elementos culturais diversificados de diferentes grupos étnicos.

A sua formação se dá num processo de troca entre os grupos envolvidos e de maneira inconsciente, estas trocas formam a identidade brasileira. Valores, crenças, costumes, hábitos e práticas são transmitidos às novas pessoas que recebem a cultura de uma determinada sociedade.

A identidade de um povo está presente no imaginário dos indivíduos, e é transmitida culturalmente através da música, arte, literatura, arquitetura, na mídia, na tradição oral, no folclore, etc.

Para Ortiz:

A cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação. (1994, p. 142)

O conceito de identidade cultural segundo Stuart Hall está atrelado ao processo de globalização e de dominação territorial por parte das grandes potências. A valorização do capitalismo e a imposição dos valores culturais estrangeiros se tornam cada vez mais comum, recriando, moldando a cultura existente de um povo e acrescentando novos elementos que vão se tornando parte daquela sociedade. “Hal Foster escreve – Wallace o cita em seu ensaio:

O primitivo é algum problema moderno, uma crise na identidade cultural”, por isso a construção modernista do primitivismo, o

reconhecimento e o desconhecimento fetichistas da diferença primitiva. (HALL, 2003).

Compreendendo que a cultura popular é uma manifestação cultural de um povo, sua identidade, é possível, por exemplo, perceber como algumas culturas são apropriadas para fins comerciais, no caso, a própria cultura popular negra, que é um grande recurso para a indústria de massa cultural, cada vez mais se apropriam da cultura da diáspora, porém, existe um apagamento do ser negro. Tradições, folclore, hábitos e costumes cada vez mais são propagados pela indústria, mas, a imagem do negro não acompanha o mesmo processo, sendo por muitas vezes, substituída por brancos. Pode-se perceber, através dos textos *QUE "NEGRO" É ESSE NA CULTURA NEGRA?* que o indivíduo negro tem que se moldar a realidade que ele está inserido, ou seja, se uma pessoa periférica está em um ambiente diferente da sua realidade, o mesmo deve se adequar a realidade que está inserido e, sendo impossibilitado de se portar ou viver a sua própria cultura, sua própria identidade por não ser bem recebida pelo público dominante. O termo cultura popular, também citado por Stuart, é, por muita das vezes, um sinônimo para menosprezar a cultura negra, se referindo a mesma como *baixa cultura* ou *cultura inferior*, menosprezando a identidade de uma nação. O reconhecimento do valor identitário das populações negras – diáspora é o que se busca para o enaltecimento das culturas afro, além de combater o racismo, trazer a autoestima destes povos e o aceitação da própria identidade.

Os negros e sua cultura popular são um dos maiores responsáveis para história do Brasil pela construção desta nação e

da identidade nacional e negra brasileira. Foram os primeiros trabalhadores do país – mesmo que subjugados como prisioneiros ou como seres inferiores, em sua condição escravo. Deve-se cultivar o conceito de nação brasileira, da identidade nacional, pois os negros escravizados regaram o território que constitui a nação com o sangue e o suor dos corpos ultrajados dos nossos ancestrais, que nos legaram uma herança imemorial. E é essa herança é o patrimônio cultural do negro.

A exclusão social e preconceito racial no movimento

É sabido que nas periferias e/ou até presídios brasileiros, o rap é uma das maiores manifestações culturais, afinal, com letras totalmente políticas, retratam um quadro do desprezo e da exclusão social propiciada pelo Estado e, também, como resquício do período escravocrata de um país hegemonicamente racializado e eurocentrado. Portanto, entendo e afirmo que o rap é mas uma manifestação político-social.

Por isso a importância construir e instituir uma identidade negra posicionada contra o preconceito da cor, fator preponderante para a marginalização dos que vivem em periferia. Afinal, nas periferias o Hip Hop é fator agregador para todos aqueles que estão na mesma situação de desigualdade social, comunidades que são de suma maioria negra, por consequência, todos se sentem representados por conta da exclusão social que evidenciar o histórico vivido pelos negros no Brasil, afinal,

esse retrato social de exclusão racial só se dá porque os negros foram escravizados.

Democracia é processo, sempre, inconcluso. A nossa ainda não alcançou a base da pirâmide social, aonde, não por coincidência, encontra-se representada boa parte de nossas minorias étnicas, sociais e culturais. Lutar por um país mais inclusivo, republicano – no sentido da república –, na defesa do que é comum e de todos – significa, nesse exato momento, reconhecer e conviver com as diferenças que, se não são essenciais, vêm se prolongando – teimosamente – na nossa história. (prefácio escrito por Lilia Moritz Schwarcz, em “Raça, racismo e genética: em debates científicos e controvérsias sociais).

Gênero e sexualidade e raça

Para entender o processo de inserção da mulher no hip hop, é preciso, primeiramente entender que tipo de papéis e falas elas desempenham dentro de uma sociedade que culturalmente, possuem suas bases diante de um conceito patriarcal.

Judith Butler (2008) fala que a submissão do gênero na vida das mulheres está totalmente associada às questões de soberania e poder no contexto social ocidental, estando atrelada a própria cultura propagada pelos colonizadores tendo o afinco de sempre atender a desejos políticos pela dita hegemonia de poder. Logo, se pensarmos em identidade de gênero, entendemos que essa construção

se dá a partir de uma construção cultural que está relacionado aos desejos políticos de uma sociedade patriarcal. É preciso repensar estas construções que definem posicionamentos ou tarefas a partir do sexo biológico e entender que a luta por igualdade se contrapõe a desigualdade e não uma superação das diferenças que sempre existirão.

Contudo, a falta de compreensão com o diferente faz com que as pessoas que detém o poder busquem afirmações que corroborem com suas filosofias e conceitos, logo, tentam afirmar, por exemplo o conceito de identidade e de gênero, por isso Butler (2003) diz que “A genealogia toma como foco o gênero e análise relacional por ele sugerida precisamente porque o “feminino” já não parece mais uma noção estável, sendo seu significado tão problemático e errático quanto o de “mulher”, e porque ambos os termos ganham seu significado problemático apenas como termos relacionais. (Butler, 2003:09).

Algo muito similar com a criação sobre conceitos de racialidade no Brasil por Euclides da Cunha ou Silvio Romero, onde se crer, a partir das ciências biológicas, principalmente a biologia darwinista e da Antropologia que o ser humano possui vários centros de criação, o que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas, por tanto, entende-se que existem indivíduos mais desenvolvidos que outros, sendo notório a partir da cor, da raça, dos traços físicos e biológicos, de sua territorialidade, sendo cabível a “dominação” desses grupos menos evoluídos.

Compreender que as identidades são a maneira que o indivíduo em questão se relaciona com o mundo ou até

mesmo como exerce sua sexualidade. Ter o direito à igualdade significa enxergar um mundo plural onde cada vez mais se rompe com o padrão da normatividade imposta até os dias de hoje, principalmente o da heteronormatividade.

Afinal, a normatividade heterossexual existe e resiste a partir da negação da homossexualidade. Mas, se adentrarmos numa posição pós-moderna, esse padrão é a negação de todos os parâmetros do LGBT+, encarando como uma ameaça toda posição ou conceito que se enquadre em sua subjugação. Contribuindo para a rotação do poder e do saber hétero, branco, cristão, cisgênero e patriarcal.

Identities são definidas como fonte sentido e experiência para pessoas e como processos de construção de sentidos que atendem a conjuntos relacionados de atributos culturais priorizados sobre o resto das fontes de sentido. (CASTELLS, 2000)

A partir disto, lutar por mais equidade e pluridiversidade, maior números de identidades reivindicam seus lugares de fala e posições a fim de se reafirmarem e serem reconhecidas.

Sem embargo, se aprofundarmos a discussão no recorte de mulheres negras, a forma e a maneira que são vistas estas mulheres, está ligado ao processo colonial que a Europa provocou no mundo, onde a cor negra e as mulheres negras são vista de maneira fútil e inútil. Estando sempre propensas ao descarte, sendo apenas um objeto de adorno sexual de seu “*proprietário*”. Conquanto, Ângela Davis traz a discussão à um eixo do feminismo negro, onde ela descrever as relações de poder entre o homem

branco sobre a mulher. O poder de classe, raça e gênero:

Uma oligarquia de riqueza, onde o rico governa o pobre; uma oligarquia de ensino, onde os educados governam os ignorantes; ou até uma oligarquia de raça, onde os saxões governam os africanos, pode ser sofrida; mas esta oligarquia de sexo que faz o pai, os irmãos, os maridos, os filhos, os oligarcas sobre a mãe e as irmãs, a mulher e as filhas de todas as casas; que ordena todos os homens soberanos, todas as mulheres sujeitos – traz desacordo e rebelião para dentro de todas as casas da nação. (DAVIS, Angela p. 104-105)

Entender que todo o processo construído para a depreciação da imagem da mulher negra ou da população negra como um todo está ligado muito as teorias de Anibal Quijano onde cria os conceitos de colonialidade de poder, saber e do ser e, que ter a Europa como o centro do conhecimento, faz com que povos não-europeus sejam vistos como inferiores, inclusive no papel do gênero. Maria Lugones diz que a colonialidade de gênero que para ela envolve três questões: o conceito de colonialidade e modernidade europeia, o eurocentrismo e a interseccionalidade entre raça e gênero. Assim percebe que o gênero é relacional e por esse motivo um modo subjetivo de dominação, atravessado pela interseccionalidade de gênero e raça. Afinal, vivemos em uma sociedade pós-moderna que leva intrínseca em sua cultura os valores e construções culturais deixadas pelo colonizador, impondo assim, padronizações de gênero HOMEM e MULHER como algo absoluto e único na construção da sociedade ocidental

Agora, trazendo a discussão para realidade brasileira, Lélia González já diz que, o negro torna-se o “rei da cocada preta”, e a mulher negra, “fica jogada pra escanteio”. Condição em que estão muitas mulheres negras periféricas em nosso país, como é o caso das rappers. A luta incessante para criar um filho fruto de um abandono enquanto homens negros simplesmente “abortam” seus descendentes sem sofrer quaisquer tipos de discriminação ou discórdia por suas escolhas. Essa é a cultura criada e perpassada culturalmente em nosso Estado da tal “higienização racial”, onde negras são abandonadas por homens negros e procuram mulheres brancas manter uma relação afetiva. Tudo isso parte do pressuposto criado com as políticas eugênicas no início do século XX em nosso país.

A partir deste pensamento, nota-se a necessidade de discutir a realidade da mulher negra brasileira, desde o combate ao racismo, a misoginia e o feminicídio, aos seus dilemas contemporâneos, como principalmente o abandono e mães solo. Depreender que a desigualdade social que elas estão submetidas faz parte do processo de demonstre colonial para povos e culturas ditas inferiores, onde seu papel é ser julgado e subjugado como um subproduto de serventia ao colonizador e que, abrir oportunidades, acesso a estas mulheres e a esta comunidade em si, é promover a igualdade e a equidade e, num sistema patriarcal hegemonicamente masculino, estas mulheres se superam duas vezes mais que homens para se auto sustentar e se autovalorizar. Por isso, a sua participação nos movimentos sociais como rap, fazem com que milhares de pessoas possam compartilhar

de suas vivências e experiências e se sentirem identificadas com as diversas realidades que elas possuem e promover uma rede de força, empoderamento e superação para todas as mulheres.

O contexto histórico sobre raça, classe, etnia, entre outros, são categorias que atuam na noção de gênero; e, por isso, essa noção não está separada das políticas de poder e do contexto cultural. Por esta razão, a importância de dar visibilidade às lutas feministas é defrontar o papel de submissão que as mulheres possuem na sociedade brasileira (Viana, 2006, p. 211). E discutir a realidade que as mulheres negras estão submetidas em nosso continente e desmontar a visão da “mulata gostosa” boa para coito.

O fruto dessa covarde procriação [dos colonizadores] é que agora é aclamado como o único produto nacional que não pode se exportado: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste “produto” é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante sujo e desrespeitoso (Gonzalez e Hasenbalg, 1982, p. 36).

A colonialidade do ser foi um conceito primeiro utilizado por Walter Dignolo para tratar sobre a experiência vivida dentro da colonização. Torres (2003) para explicar o processo de desumanização a utiliza no sentido de demonstrar como (na perspectiva eurocêntrica) o colonialismo impacta não somente o imaginário, mas a própria experiência cotidiana. Portanto, por meio da colonialidade do ser determinam que os nativos (nós), não são humanos, são irracionais, indolentes, sem capacidades

cognitivas, violentos, rudes, brutos, sem modos, sem ciência, sem cultura e sem controle da sexualidade. A partir desta última categoria “Colonialidade do ser” Maria Lugones começa a refletir sobre raça e gênero elaborando o que denomina “colonialidade de gênero”. ■

[PABLO VINÍCIUS BARRETO DE OLIVEIRA]

Discente do Curso de Bacharelado em Produção Cultural, membro fundador do Coletivo ConAfro (Coletivo Negro Afronta IFRJ/Nilópolis) e ingressante do Grupo PET/Conexões de Saberes em Produção Cultural, Campus Nilópolis/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
E-mail: pablo16set@hotmail.com

[VIVIANE FIALHO DE ARAÚJO]

Professora com mestrado em letras – Área de concentração Linguística – UERJ, especializada em: Língua Espanhola Instrumental para Leitura – UERJ, Educação Especial UNIRIO e Literaturas Hispanoamericanas UFRJ, Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
E-mail: viviane.araujo@ifrj.edu.br

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto. 2013

GONZALEZ, Lélia: **O Feminismo Negro no palco da história**. Brasília: ABravídeo, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade em questão**: livro: a identidade cultural da pós modernidade – 10ª edição; DP&A editora. p. 07-27.

HITA, Maria Gabriela. **Raça, racismo e genética em debates científicos e controvérsias sociais**. UFBA. Ano: 2017.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. **Feminismo negro em construção**: a organização do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Instituto de Psicologia da UFRJ, 1997.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 63: p. 235-241. abr. 2016

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. Tabula Rsa. Bogotá. Nº 9: 73-101, jul-dez, 2008.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas. Florianopolis. Set. Dez. 2014.

LUGONES, María. **Colonialidade de gênero**: o feminismo decolonial de maria lugones. VII Seminário de Corpo, gênero e sexualidade na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, RS. 2018.

ORTIZ, Renato. IN: “**Cultura brasileira e identidade nacional**”. São Paulo: Brasiliense, 1994 – 5ª edição.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e America latina**. A Colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências sociais. Buenos Aires. CLACSO (2005).

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. 1ª edição, Editora letramento, Coleção: Feminismo Plurais, 2017.

SILVA, Joseli Maria. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. Revista de História Regional 8(1): 31-45, Verão 2003.